

CURRÍCULO, MULTICULTURALISMO E ENSINO DA ARTE: DA TEORIA À PRÁTICA.

Adriana Torres¹, Ely Sanley Pires Oliveira¹, Lucila Ferreira Suda¹, Priscila de Carvalho Borges¹, Prof. Dr. Ronaldo Alexandre de Oliveira².

¹ Universidade do Vale do Paraíba/ Educação, Rua Tertuliano Delphim Jr., nº 181, Jd. Aquários, São José dos Campos – SP. esanley@gmail.com

² Universidade Estadual de Londrina/Departamento de Arte Visual, Rodovia Celso Garcia Cid (PR 445), km 380, Caixa Postal 6001. roliv1@uol.com.br

Resumo - Este artigo tem como objetivo difundir e refletir resultados de uma pesquisa que objetivou investigar e propor a construção de um currículo multicultural para o ensino de artes visuais no ensino fundamental. O estudo está inserido em um contexto mais amplo, em que se tem discutido o multiculturalismo nos espaços de elaboração dos TCCs, trabalho de conclusão de curso, obrigatório ao final da graduação. Utilizando-se da investigação-ação, foi possível fomentar e exercitar a dimensão criadora do professor diante do seu planejamento potencializando as diferenças culturais na construção curricular. O estudo foi realizado na Rede Municipal de São José dos Campos - SP, em uma sala de aula composta por 36 alunos da 3ª série do Ensino Fundamental. Os resultados apontam para a real possibilidade de se trabalhar a diversidade cultural, desde a educação básica, de forma humanamente crítica, sensível e solidária.

Palavras-chave: Multiculturalismo, Currículo, Ensino de Arte.

Área do Conhecimento: Arte, Lingüística, Letras, Ciências Humanas (Educação).

Introdução

Pensar a educação na contemporaneidade passa pela real necessidade de discutirmos as diferenças, o pluralismo cultural e as formas como a escola tem encarado e dinamizado esta questão por meio da sua concepção e construção curricular. De acordo com BARBOSA (1998, p.13) *“a educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local. Contudo, a educação formal no terceiro mundo ocidental foi completamente dominada pelos códigos culturais europeus e, mais recentemente, pelo código cultural norte-americano”*.

As atividades pedagógicas, norteadas por um currículo que zele pelos diferentes universos culturais, presentes em nossas salas de aula, representam uma importante contribuição ao desenvolvimento da cidadania e da consciência crítica por parte do aluno se reconhecendo em um contexto social e cultural enquanto sujeito histórico. É papel da escola, desde o ensino fundamental, fomentar e trabalhar nesta direção, instigando e favorecendo aos alunos o conhecimento de outras culturas e a necessidade de desenvolver um espírito de respeito e entrelaçamento entre estas, além da compreensão da diversidade da espécie humana, pois é exatamente essa pluralidade que confere riqueza à nossa existência.

O embasamento teórico para a realização desta pesquisa foi construído a partir dos pressupostos de Barbosa (1998), Baumgratz (2005), Bogdan (1994), Mason (2001), Moreira (2001), Richter

(2003), Sacristán (1991) Santomé (2001), dentre outros autores.

Materiais e Método

A pesquisa se utilizou de metodologia qualitativa, em uma perspectiva de pesquisa-ação. Segundo Bogdan (1994, p.292), *“A investigação-ação consiste na recolha de informações sistemáticas com o objetivo de promover mudanças sociais”*, ou seja, a pesquisa se preocupou com a transformação dos fenômenos observados em sala de aula, incluindo a postura do professor quanto à construção curricular.

Após a observação do lugar, das pessoas, dos alunos, da sala de aula, da postura do professor, da comunidade, do projeto político pedagógico e da escola em um sentido mais amplo, foi organizado um plano de ação composto por um conjunto de treze encontros/aulas/intervenções com os alunos. O período foi compreendido entre Maio a Outubro de 2006, seguindo uma seqüência que, além de atender os objetivos propostos inicialmente, também considerou as respostas, o contexto e as necessidades que ocorriam a cada encontro, fundamentais para prever os encaminhamentos.

Nas intervenções foram trabalhadas as temáticas pertinentes ao universo dos alunos somadas ao universo da cultura regional e internacional, tal como o auto-retrato como possibilidade do auto-conhecimento, onde o conhecer e o se fazer conhecer se tornaram pontos de fundamental importância, pois, ao mesmo tempo o aluno se vê, procura formas de

ver o outro e se reinventar, buscando, assim, pontos de entrelaçamento entre as diferentes culturas que compõem o espaço da sala de aula. Este processo esteve permeado pela apreciação, análise e contextualização de obras de arte e artefatos da cultura local e internacional, possibilitando trabalhar o quanto a cultura local dialoga com as mais distantes, e coloca a mesma como um processo identitário da maior importância. Dentre os artefatos e manifestações culturais trabalhados, evidenciamos a Cultura Caiçara a partir da culinária, das danças, do sagrado, das crenças, da visualidade e das produções artísticas (local e regional), que possibilitaram um diálogo intercultural.

O Lugar da Teoria - Encontro com outras Vozes

Pensar a construção de um currículo multicultural, passa pela concepção de escola, educação, mundo e de aluno que queremos formar. Passa pelas nossas convicções, pela possibilidade de criarmos um mundo formado por uma sociedade mais humana, igualitária, onde todos possam gozar de direitos e ocupar lugares mais confortáveis, lugares estes, como a história já nos mostrou, que nem sempre foi ocupado da mesma forma por todos, com equidade. MOREIRA (2001) entende currículo como “o conjunto de atividades que os sujeitos envolvidos no processo escolar desenvolvem ao conformarem e materializarem a experiência de ensinar e educar”.

Pensar no currículo escolar e não levar em consideração a cultura existente na comunidade nos remete às questões de exclusão, ou ainda, de uma desvalorização da própria cultura. SILVA (1996, p.81) alerta que “O currículo não apenas representa, ele faz. É preciso reconhecer que a inclusão ou exclusão no currículo tem conexões com a inclusão ou exclusão na sociedade”.

Segundo SANTOMÉ (2001), os currículos vêm deixando de fora grande parte da cultura que não pertence a uma maioria, “Os currículos planejados e desenvolvidos nas salas de aula vêm pecando por uma grande parcialidade no momento de definir a cultura legítima e os conteúdos culturais que valem à pena”.

Acreditamos na possibilidade de um currículo multicultural difundir o estudo da Arte e apontar para o mesmo a possibilidade de ser modelado e construído pouco a pouco pelo professor. Algo totalmente atingível e que se torna significativo à medida que encontramos temas e estratégias eficazes e condizentes com o público com o qual se está trabalhando, propiciando ao aluno se enxergar e enxergar o próximo com autonomia e respeito.

A proposta Multiculturalista para o currículo escolar nasce das conseqüentes transformações de um mundo globalizado e excludente. Segundo

MOREIRA (2001), isso se trata “não de uma fatalidade econômica, mas de uma política consciente e proposital que busca liberar os determinismos econômicos de todos os controles e submeter governos e cidadãos às forças assim liberadas”. Cabe a educação pensar em maneiras de transformar esta realidade de mundo; cabe aos profissionais da educação terem uma visão e ações que privilegiem uma educação multicultural.

MASON (2001) afirma que vivemos uma arte-educação pós-moderna, que é eclética e pluralista na aceitação de todos os estilos e formas de arte, discorre ainda que “a arte-educação pós-moderna favorece as abordagens contextualistas, instrumentalistas, de fronteira de culturas e interdisciplinar para o estudo da arte, ela traz questões internas assim como externas para a discussão da qualidade artística e não considera a forma como o único propósito da arte”. (2001, p. 13). Entendemos a Arte como um processo de ensino-aprendizagem voltado aos valores do aluno e ao seu conhecimento, em que a contextualização é algo inerente a um estudo eficaz da disciplina. Segundo BARBOSA (1998 p.38), “É através da contextualização que se pode praticar uma educação em direção à multiculturalidade”. MOREIRA (2001) também colabora, para ele, “com o apoio da educação multicultural pode-se, por fim, propiciar a contextualização e a compreensão do processo de construção das diferenças e das desigualdades, enfatizando-se que elas não são naturais e que, portanto, resistências são possíveis”.

É necessário ter como parâmetro os conhecimentos e saberes anteriores dos alunos e das realidades onde estão inseridos, para que o ensino de arte seja significativo e possamos estabelecer pontes entre o próximo e o distante, o conhecido e o ainda desconhecido, que a escola tem a responsabilidade de fazer conhecer. MASON (2001, p.47) discorre que “A educação multicultural é definida como a visão de que a variação cultural deve ser representada e transmitida no sistema escolar para que as crianças aceitem-na em qualquer sociedade”. A partir dos estudos e reflexões de MOREIRA (2001), podemos enxergar a importância que assume uma educação multicultural na contemporaneidade, para ele, “Multiculturalismo representa, em última análise, uma condição inescapável do mundo ocidental, à qual se pode responder de diferentes formas, mas não se pode ignorar. Multiculturalismo refere-se à natureza dessa resposta. Educação multicultural, conseqüentemente, refere-se à resposta que se dá, a essa condição, em ambientes educacionais”.

É neste sentido que esta pesquisa propõe trazer pontos para reflexão e contribuição na construção de um currículo multicultural, em que as diferenças, a diversidade cultural e as múltiplas

origens dos nossos alunos sejam potencializadas e trabalhadas em sala de aula desde a escola fundamental, fomentando, assim, uma educação inclusiva tão necessária à contemporaneidade.

Resultados e Discussão

As intervenções compostas pelos treze encontros realizados em sala de aula nos revelaram a eficácia de uma prática planejada (quando se tem claramente o objetivo a que se quer chegar).

A possibilidade de se conhecer e conhecer o próximo apontou maneiras e falas inusitadas de revelações e descobertas por parte dos alunos. Em um dos encontros, uma das alunas da turma nos confidenciou: *“não sabia que meus cabelos eram tão bonitos!”*. Outro aluno quis tirar os óculos para se retratar, achando que assim, ficaria mais bonito. Pudemos perceber, então, alunos preocupados com suas aparências. Este fato aponta para a existência de um padrão pré-estabelecido tão difundido pela mídia, que, muitas vezes, é o requerido e buscado por todos, passando, assim, a ser o *“padrão ideal”*, e é exatamente essa postura que um currículo que privilegie as diferenças procura combater: *“o modelo ou a referência única”*. A seriedade com que os alunos receberam esse trabalho e a vontade de se conhecerem mais, nos levou a re-planejar essa atividade para um registro textual, naquele momento, relatando em uma folha de papel seus auto-retratos falados, explicitando, não só os aspectos físicos, mas os subjetivos também.

Pudemos constatar, nesta intervenção, o quanto os alunos se interessaram a falar mais de si mesmos. Alguns nunca haviam realizado um relato como o de nossa proposição; alguns ficaram até constrangidos. Uma aluna nos disse: *“não sei falar de mim, é a primeira vez que faço isso!”*. Essa fala nos levou a pensar em um processo em que o aluno não se conhece e não se olha. Como então, ele, não se conhecendo, poderia conhecer e respeitar o outro? A partir destas atividades pudemos constatar que, quando as crianças se conhecem, se descobrem e falam sobre si mesmas, desenvolvem um espírito de olhar para o outro, de perceber as diferenças e as similaridades que as unem, e assim, a escola poderá se transformar em um espaço e tempo, onde se fala, pratica e valoriza as diferenças. A partir destas aulas de auto-conhecimento, elaboramos uma lista intitulada *“O Retrato da 3ª série B”*. A partir da análise de conteúdo dos textos produzidos, criamos sete categorias para análise: *(Como somos, Gostamos de; Gostamos de comer; Gostamos de ir; Queremos ser; Gostamos de brincar de; e Não gostamos de)*. Estas categorias se tornaram norteadoras do trabalho durante toda a intervenção. Cada aluno recebeu uma cópia da

Lista, onde puderam se ver, reencontrar com suas falas (seus auto-retratos falados), ora nos gostos, ora na maneira de ser, ora nos brinquedos preferidos, etc. Uma aluna disse: *“olha, fui eu quem disse que queria ser bailarina!”*, Outro replicou: *“eu que disse que gostava de chocolate!”*.

Na seqüência das ações, os alunos puderam compreender que cada um tem características próprias e singulares; gostos que, às vezes, são exclusivos e, às vezes, são coletivos. O respeito às diferenças foi algo conversado e entendido pelos alunos, que aprenderam a se olhar e olhar o outro, não só fisicamente, mas também, de forma mais subjetiva. RICHTER (2003, p.51) aborda que *“precisamos de um ensino de arte por meio do qual as diferenças culturais sejam vistas como recursos que permitam ao indivíduo desenvolver seu próprio potencial humano e criativo, diminuindo o distanciamento existente entre arte e vida”*. Pedimos, na seqüência, que desenhassem um segundo auto-retrato, agora, não só o rosto, mas também, inserindo características que mencionaram no texto da aula anterior, incluindo, neste momento, uma maior preocupação com a qualidade estética da produção plástica (melhor ocupação do espaço, melhor uso da cor, da forma, das texturas e da relação figura/fundo), avançando assim, na representação da figura humana e na estruturação plástica, visual e expressiva em artes visuais com mais qualidade - que era previsto também pela pesquisa-ação.

Nas aulas seguintes, foi possível trabalhar as diferentes origens dos alunos, (matrizes portuguesas, indígenas, negras e tantas outras), em que puderam se identificar em muitas situações - as origens culinárias, a religiosidade, as diferenças físicas, os costumes de cada cultura, as diferentes representações e configurações familiares, os antepassados e as festas populares - passando à compreensão da razão de sermos como somos. Segundo BAUMGRATZ (2005, p.41), *“A escola é uma grande ponte entre o passado e o presente, e em sua trajetória se dá a construção da identidade cultural de cada um”*. Pudemos observar que os alunos entenderam que nós somos a soma das raças e que em todas as manifestações do Brasil como Carnaval e Festa Junina, por exemplo, a diversidade de culturas está presente. Estas temáticas foram entrelaçadas com os conhecimentos advindos das obras de artistas internacionais e nacionais como, Pablo Picasso, Cândido Portinari, Tarsila do Amaral, Alfredo Volpi, Peter Bruegel, Goya, Cláudio Tozzi, Almeida Junior, Ivald Granato, Salvador Dali, Eduard Manet, Antônio Gomide, Henri Matissê, Clóvis Graciano, Claude Monet, George Deem, Rubens Gerchman, Djanira e do artista regional e local, representado por Adão Silvério. As obras selecionadas para compôr o currículo diziam respeito à família, amizade, futebol, brincadeiras,

religiosidade, costumes locais, crenças, enfim, aos diferentes contextos advindos da Lista de características dos alunos trabalhada nos encontros anteriores e que passou a ser referência para as intervenções. O currículo foi elaborado com a preocupação de incluir diferentes estilos de representações visuais sobre os mesmos temas, incluindo o artista local, a fim de valorizar a “nossa gente” e divulgar a arte popular, não se restringindo somente àqueles que estão nos museus ou àqueles que a história da arte se encarrega de difundir. Na seqüência das aulas, a presença do artista local Adão Silvério na sala de aula, possibilitou o contato direto com a materialidade e com a produção original da obra de arte.

Uma exposição no espaço escolar possibilitou a difusão, apreciação, reflexão e avaliação do percurso construído, aproximando, tanto os alunos, como a comunidade onde a escola está inserida, do universo da arte (erudita), permitindo assim, encurtar distâncias, há muito presentes entre escola e vida.

Pudemos constatar o quanto é possível construir um currículo em uma dimensão multicultural em arte, considerando a mesma como área de conhecimento, em que são trabalhados, com a mesma importância, o fazer criador, a apreciação da obra de arte e a contextualização, partindo dos diferentes saberes dos alunos e estabelecendo vínculos com outras culturas.

Conclusão

Os dados advindos desta pesquisa nos remete às questões curriculares e a maneira pela qual a escola tem organizado seu currículo, pois, ao abordarmos a diversidade cultural em sala de aula, alunos e professores se mostraram surpresos com tal preocupação. Aquilo que poderia ser considerado uma prática cotidiana no currículo escolar - considerar as diferenças – foi visto como algo inusitado. Tais posturas nos leva a inferir o quanto a diversidade cultural e um trabalho voltado às diferenças ainda são incipientes enquanto práticas no currículo escolar. Por meio das intervenções, percebemos que os alunos adquiriram respeito uns pelos outros e consciência de que somos diferentes.

A Lista elaborada com as características de todos os alunos da sala de aula, intitulada “O Retrato da 3ª série B”, os fizeram entender que temos semelhanças e diferenças, e que isto é bom, saudável e necessário. Pudemos constatar ainda, o quanto a arte possibilita trabalhar a diversidade de forma sensível, a partir de um currículo criado e ressignificado pelo professor, possibilitando, o mesmo, sair de uma condição de cumpridor de tarefas para a de construtor, um criador em potencial. Pudemos conceber o

currículo - planejar e re-planejar as atividades a serem realizadas com os alunos- conferindo à nós professores/pesquisadores, a competência de autores e criadores, dimensão esta, tão necessária a uma educação democrática e de qualidade. Permitiu-nos, ainda, trabalhar a alfabetização visual e a expressão artística, ampliando o repertório imagético e histórico das artes e da cultura no sentido mais amplo que estas expressões possam significar.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BAUMGRATZ, Jaqueline. Cultura Popular do Vale do Paraíba. Rio de Janeiro: Modelo, 2005.
- BOGDAN, R.C. e BIKLEN, S.K. Investigação qualitativa em Educação. Portugal: Porto, 1994.
- MASON, Raquel. Por uma Arte Educação Multicultural. Mercado das Letras: Campinas – SP, 2001.
- MOREIRA, Antônio F. B. A Recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995 – 2000): Desafios, Avanços e Tensões. Revista Brasileira de Educação Nº 18, p. 65-80, 2001.
- RICHTER, I. Mendes. Interculturalidade estética do cotidiano no ensino das artes visuais. Campinas: Mercados das letras, 2003.
- ROSA, Maria Cristina da. A Educação de professores e Professoras de Arte: Construindo uma proposta de Ensino Multicultural à distância. UFSC, Florianópolis, 2004 (tese de Doutorado).
- SACRISTÁN, J. Gimeno. O currículo: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas Negadas e Silenciadas no Currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Alienígenas na Sala de Aula: Uma Introdução aos Estudos Culturais em Educação. Petrópolis, Vozes, 2001.